

BRAGANÇA JÚNIOR, Á. A. Brincar e jogar como lazer na literatura medieval em alemão - alguns apontamentos histórico-literários. Seminário Lazer em Debate - a temática do lazer no âmbito das Ciências Humanas e Sociais, 8, 2007, Rio de Janeiro. *Anais...*. Rio de Janeiro: Grupo de Pesquisa, 2007. v. 1. p. 135-145.

BRINCAR E JOGAR COMO LAZER NA LITERATURA MEDIEVAL EM ALEMÃO – ALGUNS APONTAMENTOS HISTÓRICO-LITERÁRIOS

Álvaro Alfredo Bragança Júnior (UFRJ/FL/PPGHC)

I. POR UMA DEFINIÇÃO ETIMOLÓGICA DE “LAZER”, “BRINCAR” e “JOGAR”

Se procuramos tratar nesse trabalho de questões relativas a brincar e ao jogo como possibilidades de lazer durante o medievo, mais especificamente, na Baixa Idade Média gemanófono, devemos como primeiro passo procurar uma definição precisa dos termos acima mencionados. Segundo Silveira Bueno (1968, p. 2118), lazer possui como sinônimos “ócio¹, tempo disponível, vagar, descanso, férias”, sendo o vocábulo derivado do étimo latino *licere*, “ser permitido”. Brincar, para o lexicógrafo, (1968, p. 2037) possui as acepções de “divertir-se com” e origina-se do germânico *“bli(n)kan*, gracejar”. Por sua vez, o etimologista brasileiro (1968, p. 549) afirma que jogar origina-se de “arremessar, lançar, atirar, tomar parte num jogo, num esporte, num divertimento”, cuja raiz prende-se ao verbo latino *iocare*, de *iocus*, “divertimento, brincadeira”.

Partindo-se, então, do acima exposto, inferimos que a utilização do tempo não empregado no trabalho – *nec otium* –, mas sim ao lazer pode servir ao divertimento e ao lúdico, havendo uma quantidade considerável de jogos com tal finalidade.

Como fontes para pesquisa acerca da tríade lazer-brincar-jogar temos evidências arqueológicas e históricas acerca dos brinquedos em uso nas regiões alemãs do Sacro Império até o século XVI e poemas medievais em médio-alto-alemão, nos quais aspectos daquela última prática social estão presentes.

IV. BRINCADEIRA DE CRIANÇA – O BRINCAR NA IDADE MÉDIA

Em seu artigo **Spielzeug im Mittelalter**, - Os brinquedos na Idade Média -, Doris Fischer afirma que durante o medievo germânico o material mais usado para a confecção de artefatos lúdicos era a argila, porém aponta para o fato de que vários brinquedos, dentre eles a bexiga de porco para assoprar e fazer ruídos ou dados e pelotas montados com ossos, não pertencem ao cotidiano lúdico das crianças modernas. (1999, p.1). Nesse sentido, é interessante notarmos que a própria etimologia do termo *spielen*, em alemão medieval, não expressa o que hoje se entende por brinquedo, um artefato para diversão do público infantil, mas sim “movimentos animados, representações mímicas ou musicais” cabendo à palavra *tand* o denominar o objeto lúdico. Madeira, ossos, tecidos, cerâmica, objetos de metal ou couro eram os principais materiais para confecção de brinquedos.

Se, no caso dos jogos de dados, a Literatura fornece excelentes subsídios para pesquisa, como veremos mais adiante, a Arqueologia muito contribui para recuperar os elementos da vida infantil deixados para trás. Em várias escavações na atual Alemanha foram encontrados vários tipos de restos de brinquedos, os quais, de acordo com um modelo de classificação dos artefatos proposto por Fischer (1999, p. 1), podem ser inseridos dentro dos seguintes grupos de materiais:

1. Brinquedos de ossos – dados, *Schnurre*², flauta, boliche, patins feitos com ossos;
2. Brinquedos de madeira – xadrez no tabuleiro, gamão, *Hnefatafl*³, moinho⁴, cavalos de madeira, pião, espadas de madeira, bonecas;
3. Brinquedos de tecido e couro – jogo de bola;
4. Brinquedos de cerâmica – bola de gude, figuras de argila, bonecas com véus⁵, louça em miniatura e matraca;
5. Brinquedos de metal – figuras de estanho, normalmente cavaleiros e cavalos, figuras de torneios, em geral feitos de bronze ou latão, guizos;
6. Outros brinquedos – cartas, anéis de vidro e chupeta⁶.

Esta enumeração histórica de objetos ligados a passatempos mais específicos do público infantil leva-nos a considerar a necessidade ímpar de interrelacionamentos epistemológicos. História e Arqueologia ajudam-se mutuamente em suas tentativas de (re)construção de dados factuais e com esta visão mais ampla da interdisciplinaridade estamos convictos de que, por exemplo, a Literatura é extremamente importante para um grau mais acurado sobre uma dada realidade histórica, no nosso caso, sobre o medievo. Passemos, pois, sucintamente a uma discussão sobre a importância da literatura como documento historiográfico.

III. LITERATURA E HISTÓRIA – TRABALHO INTERCOMPLEMENTAR

Que a Literatura pode ser um reflexo da sociedade, mas nunca representa a mesma como esta foi, não pode mais ser posto em dúvida por ninguém. Da mesma forma, isto também não pode mais ser questionado pela Germanística com respeito, por exemplo, à épica da alta nobreza e do trovadorismo. Questionável, porém, permanece apenas qual importância pode ser atribuída à épica e ao trovadorismo na sociedade. O amor apresentado nos romances e poemas épicos e o endeusamento da mulher eram apenas um **jogo** – grifo nosso -, que todos entendiam apenas em um piscar de olhos, mas ninguém levava a sério, porque a realidade possuía uma outra aparência, como todos sabiam, ou havia, contudo, atrás da poesia um ideal pedagógico ou há possivelmente um outro caminho para o entendimento, que poderia unificar as interpretações e fundi-las em uma noção? As opiniões divergem. Enquanto Joachim Bumke (1999), por exemplo, inclina-se para a primeira das teses expressas, Horst Wenzel (1974) crê por outro lado, que muito provavelmente havia por trás disso um ideal, o qual também era aspirado como modelo comportamental, embora nunca pudesse ser alcançado. Reflexões semelhantes podem ser estendidas a outros campos. Como esse ideal se comporta com os torneios nos esboços poéticos e na realidade, com as virtudes cavalheirescas, que eram especialmente cobradas dos heróis nos romances épicos, com o modo de vida real da nobreza no Império Alemão? Os heróis dos romances épicos e seu comportamento serviam como modelos para a nobreza e seu estilo de vida ou tratava-se novamente de um mundo artificial, do qual a nobreza tomou conhecimento, mas não aceitou como modelar para sua vida? Ou os romances épicos e os heróis neles apresentados serviam como legitimação para a nobreza e sua posição de destaque, como em especial tenciona demonstrar Horst Wenzel?

Deveria ser tarefa de uma tal verificação, especialmente das opiniões de Wenzel, encontrar e analisar as fontes que dão a entender uma tal relação. Para isso contribui

o próprio Wenzel ao coletar material relativo a tal intento. Todavia, isso não é ainda suficiente. Sempre que se utilizar fontes literárias para a interpretação e para a exegese de uma ou outra representação, corre-se o risco de que a argumentação se movimente em círculos. Dever-se-ia ter que recorrer também a outros grupos de fontes, como, por exemplo, fontes jurídicas contemporâneas, no caso do **Sachsenspiegel**. Dever-se-ia remontar aos procedimentos transmitidos por escrito sobre festas, cerimônias e forma de lazer, às assim chamadas *ordines*, e comparar suas versões com aquelas das representações literárias. Para tanto serviriam outras fontes, que de quando em quando parecem informar sobre a realidade, tal como hoje ela se nos apresenta: documentos e fontes narrativas, doações dentre outras.

Além disso devemos levar em consideração a influência das Cruzadas sobre a nobreza. As Cruzadas e com elas implícitas as tentativas da Igreja de domar a classe secular dos *bellatores*, para solidificá-la em um modelo de vida organizado de acordo com regras éticas e pretensões religiosas, sempre têm sido destacadas tanto pela Germanística quanto pela História. Todavia, também frequentemente se afirma, que as tentativas da Igreja nem sempre foram coroadas de êxito e não eram nem imediatamente nem em todo o lugar bem acolhidas. Mesmo no caso de as Cruzadas terem desempenhado um papel à margem na épica da alta nobreza alemã e terem encontrado apenas de forma indireta uma entrada nos textos poéticos, estes últimos e seus desdobramentos não podem ser desconsiderados. A isso não apenas aludiu Wenzel em seus trabalhos. Em que medida as cruzadas modificaram a vida da nobreza ainda apresenta-se para a História como um problema sem solução, embora a Literatura possa abranger o tema quase ilimitadamente. Destarte, este aspecto também não pode deixar de ser levado em consideração e contemplado tanto pelo lado da Germanística quanto pelo da História.

Um tal e bem amplo descortinamento da época do baixo medievo germanófono não pode ser realizado sem ser bem delimitado, caso contrário excederia em muito a capacidade de trabalho de um pesquisador ou de uma pequena equipe. Devido à limitação espacial destas linhas, nossas considerações prender-se-ão ao âmbito do divertimento. À Medievalística Germânica, ciência ainda pouco conhecida entre nós, caberá a tarefa principal da investigação, no que diz respeito essencialmente à pesquisa do *background* literário e histórico.¹

Tanto o cientista da Literatura quanto o historiador devem tencionar, em nosso entender, a aproximação da realidade da Idade Média. A própria – *Kulturwissenschaft* – em sentido moderno – conforme Doris Bachmann-Medick a caracteriza, fornece elementos importantes para a Medievalística Germânica e é de grande valor como metodologia pelas suas premissas e inserção na práxis da análise, pois as informações sobre a mentalidade das pessoas, a hierarquia social, concepções de mundo e condições de vida reais e idealizadas da Baixa Idade Média de língua alemã são passíveis de confronto com a realidade histórica.

Após tais considerações façamos alguns comentários mais precisos sobre o jogo dentro da literatura em alemão dos séculos XII a XIII, com ênfase em um dos mais significativos repositórios textuais, os **Carmina Burana**.

¹ Entendemos os termos em alemão *Germanistische Mediävistik* como a ciência que tem por finalidade estudar uma determinada língua e a literatura compilada nesta língua durante a Idade Média e que as considera não como um fenômeno isolado, mas as contextualiza em uma época com sua cultura e civilização específicas. A Medievalística Germanística em alemão, como propomos, prende-se aos estudos de *Kulturwissenschaft*, ou *Cultural Studies* (apud BRANDT: 1999, p. 15-16; BACHMANN-MEDICK: 1996, p. 7-64)

IV. O JOGO DENTRO DOS **CARMINA BURANA** – À GUISA DE EXEMPLIFICAÇÃO

O manuscrito do século XIII da abadia beneditina de Beuern, publicado em 1847, com 90% dos textos em latim e o restante em francês arcaico e médio-alto-alemão, pode ser dividido tematicamente em três grupos, constantes do primeiro os poemas de gênero moralístico e satírico, do segundo as canções de amor e do terceiro, que nos interessa mais no momento, as canções de bebedores e de jogadores (*apud* Woensel, 1994, p. 21)

Jogo, bebida e prostitutas são temáticas recorrentes na Idade Média como dignas de sérias reprimendas àqueles que a elas se dedicam. O fascínio exercido pelo jogo, onde sorte e azar convivem lado a lado e levam os homens muitas vezes à completa ruína financeira, sem falar na moral, é latente nos poemas. Nos **Carmina Burana**, mais especificamente, nas canções de taberna, encontramos vários textos, nos quais o jogo é louvado, como no CB 191, *Estuans interius*, versos 74-80, onde aquele leva o eu-lírico à ruína financeira, mas ao caminho da poesia:

<p>Secundo redarguor etiam de ludo, sed cum ludus corpore me dimittit nudo, frigidus exterius, mentis estu sudo; tunc versus et carmina meliora cudo.</p>	<p>Outra culpa levo ainda: de ser um jogador. Mas quando entrego até a roupa, sendo perdedor, por fora quase morro de frio, por dentro me inflamo; faço belos poemas a fio lindos versos declamo.⁷</p>
---	---

Mais adiante, nos versos 153-160, a hipocrisia dos críticos é ressaltada, pois o lazer no jogo de dados faz parte de seu ócio nada clerical:

<p>Ecce mee proditor pravitatis fui, de qua me redarguunt servientes tui. Sed eorum nullus est accusator sui, quamvis velint ludere seculoque frui.</p>	<p>Eu mesmo tinha confessado todos os meus pecados de que agora me acusam aqueles seus criados; mas a si mesmo não acusam esses delatores, embora sejam viciados, ferrenhos jogadores.</p>
---	--

Ressalte-se aqui que a prática do jogo aliado ao consumo do vinho poderia perverter a solidez moral do eclesiástico, responsável pela pregação, implantação e manutenção do *modus cogitandi* da Cúria Romana.⁸

In taberna quando sumus – Quando estamos na taberna – CB 196 talvez seja a mais conhecida das canções tabernárias, em que o lazer através do jogo e do vinho se presentifica nos versos 01-16:⁹

<p>In taberna quando sumus non curamus, quid sit húmus sed ad ludum properamos, cui semper insudamus. Quid agatur in taberna, ubi nummus est pincerna,</p>	<p>Quando estamos na taberna, não nos preocupamos com a morte, mas nos apressamos para o jogo, onde sempre transpiramos. O que se faz na taberna, onde o dinheiro é o copeiro,</p>
--	--

<p>hoc est opus, ut queratur, sic quid loquar, audiatur.</p> <p>Quidam ludunt, quidam bibunt, quidam indiscrete vivunt. Sed in ludo qui morantur, ex his quidam denudantur, quidam ibi vestiuntur quidem saccis induuntur. Ibi nullus timet mortem, Sed pro Baccho mittunt sortem.</p>	<p>isto é importante, o que se deseja, mas o que eu disser, que seja ouvido.</p> <p>Alguns jogam, alguns bebem, alguns vivem de maneira indiscreta. Porém aqueles que se acostumam ao jogo, deles alguns saem nus, outros aí estão vestidos, outros cobrem-se com sacos. Nesse lugar ninguém teme a morte, mas por Baco lançam a sorte.</p>
--	---

Outro exemplo importante em que o jogo se afigura como comuníssimo passatempo medieval, inclusive preferido por clérigos, encontra-se no CB 219 *Cum "In orbem universum"* "Ide por todo o universo". Em várias passagens do poema de 60 versos há menção aos jogos de azar: (v.37-40)

<p>Ordo noster prohibet semper matutinas, sed statim, cum surgimus, querimus popinas; illuc ferrimus facimus vinum et gallinas. Nil hic expavescimus preter Hashardi² minas.</p>	<p>Os ofícios de meia-noite não devemos cantar, podemos nos sentar à mesa logo ao levantar; vinho bom, galeto na brasa fazemos ali trazer. Nada, além de azar no jogo, pode nos ofender.</p>
---	--

E mais adiante: (v. 49-52)

<p>Nemo prorsus exeat hospitium ieiunus et, si pauper fuerit, semper petat múnus. Incrementum recipit sepe nummus unus, cum ad ludum sederit lusor opportunus.</p>	<p>Em jejum, nunca ninguém nossa casa deixou, aqui sempre o indigente, uma ajuda ganhou. Ao jogador, uma moeda serve de entrada: a Fortuna lhe devolve por cem multiplicada.</p>
--	--

As benesses de uma vida larga, com fruição dos prazeres à mesa e do jogo, parecem estar presentes e ser bem aceitas pelo eu-lírico do poema. Note-se que, paralelamente ao desvio de conduta eclesiástica, ainda permanece a fidalguia e a generosidade do monge ao ajudar os *pauperes*.

No CB 222. mais uma vez os dados levam o protagonista a analisar a situação vexatória à que se expõem os cultuadores do *ludus*:

² - Em latim medieval **hashardus**, termo árabe que significa "jogo de azar", "acaso".

<p>Ego sum abbas Cucaniensis et consilium meum est cum bibulis et in secta Decii voluntas mea est, et qui mane me quesierit in taberna, post vesperam nudus egredietur et sic denudatus veste clamabit: “wafna, wafna! quid fecisti, sors turpissima! nostre vite gaudia abstulisti omnia.”</p>	<p>Eu sou o abade da Cocanha e meu conclave acontece junto aos bebedores e minha vontade está na seita de Décio e quem me buscar de manhã na taberna, após a tarde sairá nu e assim nu clamará pela roupa: “às armas, às armas! Que fizeste, ó mui torpe sorte! Arrebataste todas as alegrias de nossa vida!”</p>
--	---

O trecho satírico das Canções de Beuren é bastante significativo quanto à perniciosa influência do jogo na sociedade medieval. No poema, um abade, ou seja, o representante máximo de uma comunidade de eclesiásticos em uma abadia, praticamente transfere sua vida daquela para a taberna, onde celebra, não o mistério da eucaristia, mas sim o milagre de “Santo Décio”, nome invocado pelos quase todos anônimos autores dos **Carmina Burana** como o santo protetor daqueles que bebem. Não satisfeito com o vinho, entrega-se ao jogo e aquele que tentar retirá-lo da mesa, acabará, ele próprio, sentindo “na pele” a tentação dos dados, pois sairá nu, já que tudo, inclusive suas roupas, perderá no jogo.

V. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos, em poucas linhas, mostrar que a brincadeira e o jogo faziam parte do lazer cotidiano do Sacro Império Romano-Germânico da Baixa Idade Média. Como fontes comprobatórias encontramos na Arqueologia e na Literatura exemplos materiais e discursivos de como crianças e homens, estes últimos em sua grande maioria oriundos do seio eclesiástico, usufruíam de seus momentos de lazer. Esta pequena contribuição pretende ressaltar a significância do trabalho em conjunto de várias áreas do saber e, no nosso caso, valorizar ainda mais o período medieval. Por trás de uma aparente cristandade unificadora sentimos, pelo menos em terras germanófonas, que o jogo, o vinho, a comida, isto é, algumas das delícias do mundo estavam em pleno vigor e olvidadas as palavras de Horácio, *Lusisti satis, edisti satis atque bibisti: tempus abire tibi est!* – ‘Divertiste-te, comeste e bebeste o suficiente: é tempo de partires’! O jogo acabaria!

VI. BIBLIOGRAFIA

- BISCHOFF, B. *et alii*. **Carmina Burana**. München: Deutscher Taschenbuch Verlag, 1979.
- BRAGANÇA JÚNIOR, Álvaro Alfredo. **A fraseologia medieval latina como reflexo de uma sociedade**. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, Serviço de Fotocópias, 1999. Tese de Doutorado em Letras Clássicas. (Inédito)
- BRAGANÇA JÚNIOR, Álvaro Alfredo. Considerações sobre as Canções de Taberna dos *Carmina Burana*. In: BASTOS, Maria Luiza Kopschitz & GUERRA, Beatriz Gomes (Org.). **Traditio/Reconstrução**. Juiz de Fora: UFJF, ICHL, DLET, 1997. p. 121-134.
- BRAGANÇA JÚNIOR, Álvaro Alfredo. Literatura e História enquanto discursos sobre o real no baixo medieval germanófono – algumas palavras. In: KESTLER, Izabela Maria Furtado (Org.) **forum deutsch** – Revista Brasileira de Estudos Germânicos. Rio de Janeiro: UFRJ, Serviço de Fotocópias, 2004, v. VIII, p. 116-140
- BRANDT, Rüdiger. **Grundkurs germanistische Mediävistik/Literaturwissenschaft**. München: Fink, 1999.

BUMKE, Joachim. **Höfische Kultur**. Literatur und Gesellschaft im hohen Mittelalter. 9. Auflage. München: DTV, 1999.

BACHMANN-MEDICK, Doris. (Hrsg.) **Kultur als Text – die antropologische Wende in der Literaturwissenschaft**. Frankfurt am Main: Fischer, 1996

Carmina Burana: Canções de Beuern. Apresentação de Segismundo Spina, introdução e tradução de Maurice van Woensel. São Paulo: Ars Poetica, 1994.

FISCHER, Doris. **Spielzeug im Mittelalter**. In: <http://www.tempus-vivit.net/index.php>, 1999, capturado em 10 de novembro de 2006.

HABEL, E & GRÖBEL, F. **Mittellateinisches Glossar**. 2. Aufl. Paderborn; München; Wien; Zürich: Schöningh, 1989.

SILVEIRA BUENO, Francisco da. **Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 1968.

WENZEL, Horst. (Hrsg.) **Typus und Individualität im Mittelalter**. München: Wilhelm Fink Verlag, 1983.

¹ - Foge ao escopo desse trabalho analisar a questão do *otium* dentro do mundo romano.

² - Tipo de brinquedo, feito com ossos das patas de porcos, em que se fazia um furo no osso, através do qual se passava uma corda e movia o osso com um puxão, como com o uso do ioiô.

³ - Jogo comum entre eslavos e vikings e que consistia, com algumas semelhanças com o xadrez, como, por exemplo, a peça de um rei, que, com seus soldados, se defende contra o ataque de numerosos inimigos e que ou é cercado pelos oponentes ou escapa m segurança no fundo do tabuleiro. Para maiores dados cf. FISCHER in: <http://www.tempus-vivit.net/index.php>, 1999

⁴ - Moinho - objetivo do jogo é colocar suas três pedras em seqüência, de forma que se possa retirar uma pedra do adversário. Quem perder uma das pedras perde o jogo.

⁵ - *Kruselerpuppen*, no original. Bonecas de damas de estamentos superiores, trajadas com longos vestidos abotoados e com as mãos cruzadas uma sobre a outra.. *Krusel* é um tipo de véu, cuja extremidade apresentava várias séries de babados.

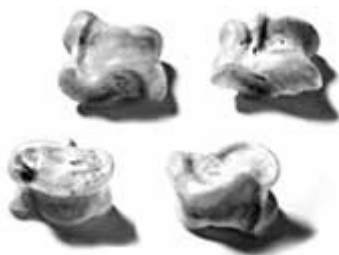
⁶ - *BeiBring*, no original. Traduzimos a expressão por chupeta, pois era apropriado para bebês e se tratava de uma goela de ganso seca e curvada em forma de círculo.

⁷ - A tradução dos excertos do CB 191 cabe a Maurice van Woensel, **op. cit.**, p. 93.

⁸ - Para considerações mais específicas acerca da crítica aos desvios de conduta do clero cf. BRAGANÇA JÚNIOR, (1999, p. 93-113 e 119-122).

⁹ - Tradução minha.

I. DADOS



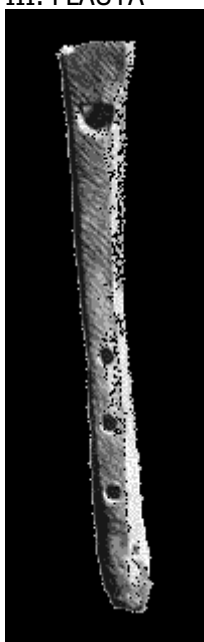
I. DADOS



II. SCHNURRER



III. FLAUTA



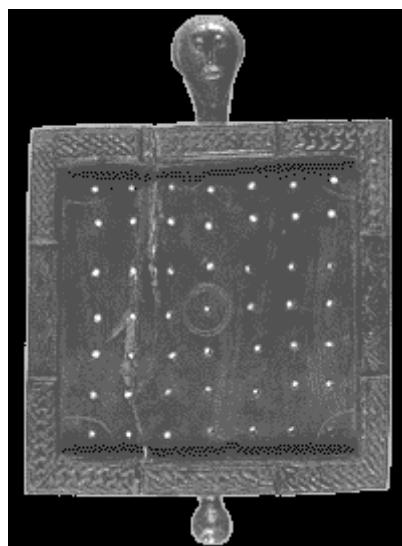
IV. BOLICHE



V. GAMÃO



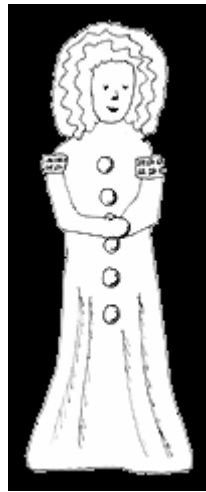
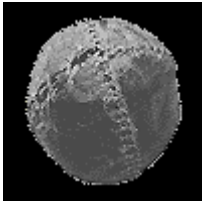
V. PEÕES DE XADREZ



VI. HNEFATAFL



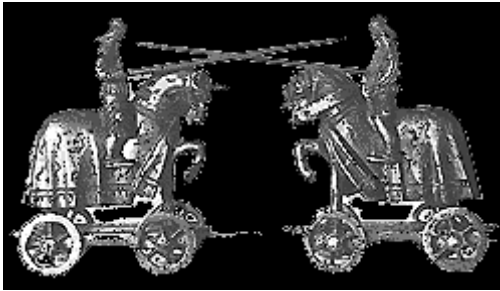
VII. BONECA



X. ARGILA

VIII. BOLA

IX. BONECAS COM VÉUS



XI. TORNEIO

XII. CARTAS

In: <http://www.ausgraeberei.de/spielzeug/Spieland.htm>, capturado em 20 de fevereiro de 2007.